



ESCREVER PARA PUBLICAR¹

A experiência de Flusser em conseguir publicar seus escritos e como isso pode ter moldado suas declarações sobre "a mídia"

TO WRITE IN ORDER TO PUBLISH

Flusser's experience in getting his writings published and how this may have shaped his
statements on "the media "

Silvia Wagnermeier²

Tradução: Maristela Schaufelberger

Revisão: Fabiana Grieco Cabral de Mello e Rodrigo Daniel Sanches

Resumo:

Até hoje, vinte e seis livros de Vilém Flusser, autor, teórico da cultura e filósofo, foram publicados em alemão. É discutido aqui que, para Flusser, escrever significava publicar; mas seu primeiro livro apareceu na Alemanha quando ele tinha 63 anos. Este artigo traça a história do esforço de Flusser para conseguir publicar seu trabalho; uma história de décadas escrevendo sem ser publicado. De acordo com Flusser, os editores [Verleger] bloqueavam [verlegten] seu acesso ao público. Este artigo adota a visão de que essas experiências foram decisivas para que Flusser rejeitasse o termo "mídia".

Palavras-chave: mídia; publicação; ensaios; censura.

¹ All translations from the German are mine, unless otherwise indicated.

The title of this article is a translation from German. Flusser wrote an essay entitled "Schreiben für Publizieren" which he gave as a lecture in Karlsruhe on 2 March 1989. The text was used to create one of the first hypertexts ever in Germany, which was edited by Bernd Wingert, Karlsruhe (see image on this page).

² Estudou Jornalismo e Comunicação, Estudos Ingleses e Americanos em Salzburg e Estudos de Filme e Televisão em Amsterdã. De 1999 a 2007 foi diretora do Arquivo Vilém Flusser na Universidade das Artes de Berlim e co-editora (com S. Zielinski) das Palestras Internacionais de Flusser. Desenvolveu o conceito e realizou a edição on-line de *Bochumer Vorlesungen* de Flusser (<http://flusser.khm.de>), Colônia 2005, e atualmente está terminando a edição do livro (juntamente com S. Zielinski) *Bochumer Vorlesungen*, Frankfurt/Main 2008.





Abstract:

To date twenty-six books by Vilém Flusser, author, culture theorist, and philosopher, have been published in German. It is argued here that for Flusser, to write meant to publish; yet his first book appeared in Germany when he was 63 years old. This article traces the history of Flusser's endeavours to get his work published; a story of decades of writing but not being published. According to Flusser, publishers [Verleger] blocked [verlegten] his access to the public. This article takes the view that these experiences were decisive for Flusser's rejection of the term "media".

Keywords: media; publishing; essays; censorship.

O ditado latino "navigare necesse est, vivere nos est" é atribuído ao Príncipe Henrique - o Navegador³. Vilém Flusser usou uma modificação deste mote - "Scribere necesse est, vivere non est" - para enfatizar sua dedicação ao ato de escrever.

FIGURA 1

LEGENDA DA FIGURA 1

(1) Esta imagem mostra a página principal de um hipertexto de Flusser editado por Bernd Wingert. Foi tirada de Knuth Böhle, Ulrich Riehm, e Bernd Wingert, *Vom allmählichen Verfertigen elektronischer Bücher. Ein Erfahrungsbericht* (Frankfurt/Main: Campus Verlag, 1997), p. 135. Bernd Wingert também doou um Apple Macintosh com este hipertexto para o Arquivo Vilém Flusser, Universidade das Artes, Berlim, onde ele pode ser explorado a partir de 2008.

Ao contrário do infante Dom Henrique, que pode ter sido curioso e entusiasta, mas nunca navegou ou se aventurou em explorações, Flusser devotou sua vida à escrita. Linguagem,

³ Conforme V. Flusser, *Die Schrift. Hat Schreiben Zukunft?* (Göttingen: Immatrix Publications, 1987).





em muitas variações, era seu campo de pesquisa, assim como sua ferramenta para expressar a si mesmo, como escritor e filósofo.

Percebendo os sinais de uma futura revolução na comunicação, Flusser não apenas refletiu sobre quase todas as formas de mídia de comunicação, por exemplo, fotografia e televisão, mas também experimentou outros modos de se expressar; por exemplo, implantando possibilidades de diálogo nos modos predominantemente *monológicos* de comunicação.

Com "Suppose That", que foi planejado para ser um tipo de roteiro de vídeo, Flusser objetivou expandir seu trabalho para a área de expansão audiovisual. Até hoje, este manuscrito foi publicado apenas em alemão. *Angenommen. Eine Szenenfolge* contém uma tentativa de "caçar talentos": "Qualquer um cujo poder da imaginação lhe dá a competência para *transcodificar* as seqüências das cenas à mão em imagens de vídeo e para programar estas imagens de alguma maneira, é deste modo solicitado para que entre em contato com a Immatrix Publications."

O livro de Flusser sobre o futuro da escrita, *Die Schrift*, foi divulgado como o primeiro "não-mais-livro" ["Nicht-mehr-Buch"], porque não havia termo melhor na época. A primeira edição de 1987 incluía dois discos, que permitiam ao leitor comentá-lo ou reescrevê-lo. Com esse adendo - que hoje em dia seria simplesmente chamado *e-book* - Flusser mais uma vez provava estar à frente de seu tempo.

"Setenta anos, filósofo e atualmente quente como nada mais o é". Com estas palavras casuais, a revista alemã *Heaven Sent* resumiu em sua primeira edição em junho de 1991 aquilo que era um consenso na imprensa alemã no final dos anos 80 e início dos anos 90. Dentro de poucos anos - seu primeiro livro alemão propondo uma filosofia da fotografia foi publicado em 1983 - Flusser tornou-se muito bem conhecido e influente como autor, palestrante e conferencista, não somente no campo da teoria da mídia. O amplamente





lido e altamente respeitado jornal semanal alemão *Die Zeit* disse: "Sempre que o palestrante com a barba branca é anunciado, as salas ficam cheias". No seu ensaio "Schreiben für Publizieren" [Escrever para publicar] Flusser questiona por quê e para quê realmente se escreve? Sua resposta é que "escreve-se para processar a informação alojada na memória de acordo com as regras da escrita, e então utiliza-se a informação processada desta maneira como um diálogo geral. Transporta-se algo da memória para a esfera pública". No seu ensaio sobre crítica de texto "Occam's Razor" ele diz: "Um texto é uma expressão com a intenção de impressionar. E para conseguir causar esta impressão [...] o texto tem que ser impresso. Nesse sentido, os escritos de Flusser tornaram-se altamente impressionáveis nos países de língua alemã no final dos anos 80".

Além dos nove livros publicados após 1983, durante a vida de Flusser, cerca de cem artigos foram publicados em revistas de língua alemã entre 1985 e 1991. Algumas revistas, tais como *arch+*, prepararam uma edição especial sobre Flusser, e algumas estabeleceram uma coluna especial sobre ele. Em 1990, havia oito antologias publicadas em alemão contendo contribuições de Flusser e, no ano seguinte, havia onze. Sob esses claros sinais de sucesso que vieram tardiamente para Flusser, há uma história diferente, não contada até o momento, a respeito de seus longos e mal sucedidos esforços na tentativa de conseguir que seus livros e artigos fossem publicados na Alemanha.

No final dos anos 60 e início dos anos 70, Flusser já era extremamente conhecido e proeminente no Brasil. Após ter deixado São Paulo em 1972, ao longo da década seguinte tornou-se óbvio que suas conquistas não poderiam simplesmente ser traduzidas e transportadas para a Europa com o mesmo sucesso. Na França, onde viveu de 1974 em diante, Flusser nunca atingiu um nível de reconhecimento compatível com o que ele desfrutava no Brasil e somente dois livros menores foram publicados durante sua vida. Somente um livro foi publicado durante este período, *Natural:mente*. *Vários acessos ao*





significado de natureza, e de 1972 a 1982 nenhuma antologia alemã apareceu com uma contribuição feita por Flusser. Nos anos seguintes à sua emigração do Brasil, até 1988, somente dez de seus artigos apareceram em jornais alemães diários e semanais, e quatro deles em um jornal regional de Bolzano, Tirol do Sul, Itália.

Muito antes de Flusser realmente sair do Brasil estava claro em seus artigos que ele desejava retornar à Europa e, além disso, que ele tentava conseguir uma projeção internacional através de suas publicações. Seus esforços se estendiam aos Estados Unidos e Israel. Por exemplo, ele contactou Max Brod em Tel Aviv para descobrir se este conhecido de sua infância em Praga poderia ajudá-lo. Porém, acima de tudo, Flusser queria que seus livros e artigos fossem publicados na Alemanha; sendo o alemão uma de suas línguas maternas e também a língua em que ele começou a escrever. Mas foi justamente em alemão, e nos países de língua alemã, em que o intervalo de tempo entre o ato de "espremer algo da memória" e chegar "à esfera pública" foi o mais longo. Em alguns casos esse intervalo durou mais de trinta anos. A maior parte dos escritos de Flusser foi publicada após a sua morte e alguns ainda não foram publicados.

A primeira tentativa de Flusser de achar um editor alemão foi em 1957. Ele tinha acabado de completar seu manuscrito sobre o século XX, "*Das Zwanzigste Jahrhundert*", e estava ansioso para vê-lo publicado em um dos países de língua alemã. Ele não estava muito restritivo sobre a escolha do editor e escreveu muitas cartas de submissão para editoras menores na Alemanha e na Suíça.

Flusser também contactou editoras maiores, como Piper Verlag e Beck'sche Verlagsbuchhandlung, ambas bem estabelecidas e situadas em Munique. Numa carta a Ernesto Grassi, na época editor da enciclopédia alemã Rowohlt Verlag, Flusser justificou seus motivos, dizendo que ele estava preocupado que o número de leitores no Brasil era limitado e que ele estava esperando por uma resposta mais forte do público da Alemanha.





Hoje nós sabemos que foram necessários mais 25 anos antes que Flusser recebesse a resposta que esperava. E no caso de *"Das Zwanzigste Jahrhundert"*, as esperanças de Flusser não foram consumadas: seu primeiríssimo manuscrito permanece inédito.

Depois que Flusser terminou o manuscrito de "A história do Diabo" - a versão alemã foi escrita antes da portuguesa - e após "Língua e Realidade" ser publicada em São Paulo, ele redobrou suas tentativas de publicar na Alemanha. No Arquivo Vilém Flusser nós temos inúmeras cartas de recusa, uma delas de seis anos após Flusser ter submetido alguns de seus manuscritos iniciais em 1964. "Alguns anos atrás você enviou para minha editora alguns manuscritos", Friedrich Enke escreveu em 1970, e arrependeu-se por sua editora não ter se interessado por eles na época.

Em 1991, num pequeno ensaio sobre o destino do livro intitulado "Hypertext", Flusser condensou sua experiência de vida em apenas duas páginas. Ambas começam: "Era uma vez, nos velhos tempos (que são considerados dourados também) a seguinte questão: Alguém (no caso, o autor) escrevia um manuscrito e o enviava a uma editora. Após um período de espera de algumas semanas, o autor recebia seu manuscrito de volta pelo correio, com o comentário que o editor havia gostado dele, mas infelizmente ele não se encaixava no programa atual e, portanto, tinha que ser rejeitado com muito pesar [...] *habent sua fata libelli*. Os livros, de fato, têm seus destinos. Numa carta de recusa de 1958, um editor da C.H. Beck, na Alemanha, aconselhou Flusser a pegar alguns dos capítulos de "The Twentieth Century" e reescrevê-los. Ele deveria, então, oferecer esses ensaios a algumas revistas com o propósito de apresentar-se como um autor. Em seguida, Flusser mandou alguns ensaios para o mesmo editor. A resposta do editor foi direta: ele rejeitou os ensaios, porque "não conseguia compreendê-los" e "tais jogos e referências grotescas não faziam o menor sentido". Ainda sem qualquer sucesso pelos seus esforços em publicar em alemão, em 1964, Flusser enviou alguns ensaios a respeito de Guimarães





Rosa para Kiepenheuer e Witsch, a editora que tinha acabado de publicar uma tradução de "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa. Flusser seguiu o conselho que havia recebido anos atrás: "Minhas intenções são duas. Primeiro, eu gostaria de publicar no seu país - não apenas artigos, mas também os livros que apareceram aqui. Os ensaios são formatados para apresentar meu nome. Segundo, eu gostaria de contribuir para o conhecimento a respeito de Guimarães Rosa".

Flusser foi recusado. Cerca de 27 anos depois, Flusser contactou novamente a mesma editora. Em 1991 ele tinha - assim achava - uma reunião extremamente promissora com um editor na Kiepenheuer e Witsch, que estaria - em sua impressão - interessado em publicar qualquer um de seus escritos, até mesmo sem lê-los. Nenhum livro ou ensaio de Flusser jamais foi publicado por esta editora.

Entretanto, ao menos houve um resultado produtivo a partir do contato com Kiepenheuer e Witsch: eles recomendaram que Flusser contactasse Hans Paeschke, o editor de Merkur, uma revista alemã destinada ao pensamento europeu. Foi nesta revista que a primeira publicação de Flusser em alemão apareceu, em 1965: um ensaio poderosamente eloqüente e muito impactante sobre o "Grande Sertão", de Guimarães Rosa. De 1966 em diante, alguns ensaios, principalmente sobre o Brasil e sua cultura, apareceram em jornais diários alemães, a maioria no *Frankfurter Allgemeine Zeitung* (FAZ). Deve ser mencionado aqui que depois que Flusser deixou o Brasil nenhum artigo deste *expert* em selva foi publicado novamente no FAZ. Nos anos seguintes sempre que Flusser enviava ensaios para revistas, periódicos e jornais - e ele o fazia frequentemente - na maior parte das vezes, as respostas eram cartas de recusa. Em sua série de palestras em Bochum, em 1991, Flusser mostrou um esquete simplificado da então chamada mídia, dizendo que ela deveria ser imaginada como canos perfurados cujas aberturas seriam cobertas com abas: "Essa abas podem se abrir ou não [...] A mídia tem seus critérios próprios, que não





necessariamente precisam ser estéticos. Bem, você tenta entrar na mídia. Se você consegue passar - por uma razão que você não compreende, porque os critérios não tem nada a ver com você - bem, então você se comunica. Se você não consegue entrar, bem, então você será castrado. Eu não quero pintar para vocês um quadro idílico".

Em seu ensaio "Schreiben für Publizieren", Flusser elabora a respeito do processo de "atingir a esfera pública". "Torna-se óbvio que a informação vinda da memória não entra diretamente na rede [Flusser chama sua categoria de um 'diálogo geral' como uma 'rede intersubjetiva'], mas tem que passar por um processo de conversão (por exemplo, editores, emissores de televisão, administradores de museus). Deve-se imaginar essas redes como peneiras de censura que SIT ON THE CHANNELS BETWEEN THE NODES. [...] Alguém que está escrevendo para publicação, escreve antes de tudo para censores." E: "Qualquer um que queira publicar está, antes de tudo, escrevendo para um censor. Para uma peneira com buracos, onde os buracos podem ser chamados de 'critérios'." Flusser não hesita em mencionar que os critérios dos censores atualmente em operação são "tristes e perigosos".

O desprezo geral de Flusser pelo termo "medium" deve-se ao fato de que, para ele, nada pode ser imediato. O termo é um "latinismo bárbaro" que ele preferia não usar de modo algum. Sempre que Flusser se refere à mídia em suas palestras em Bochum, o que não é freqüente, ele tende a fazer isso a partir do ponto de vista do produtor, do ponto de vista de alguém que quer que sua arte seja exibida, quer que sua fotografia seja impressa ou que seu artigo seja publicado. Uma convicção teórica para aceitar o "não mediado" significaria também ignorar sua experiência de um duradouro fracasso em conseguir passar pelas redes de publicação e esquecer suas tentativas fracassadas em atingir os critérios dos editores - os mediadores dos mercados editoriais. A terminologia que ele usa para as atividades de um editor é "castração", e também "amputação" e "violação".





Flusser também fala sobre "a guilhotina do editor" - desta vez focando numa outra parte do corpo.

Não foi até a segunda metade dos anos 80 que a situação de Flusser a respeito de suas publicações mudou. Então, como eu mencionei no início deste artigo, ela mudou radicalmente. Os editores abordaram Flusser e suas contribuições tiveram grande demanda. O número de textos impressos é definitivamente impressionante. Em suas palestras de Bochum, em 1991, Flusser deu um resumo de como ele lidava com este novo estado de conhecimento: "Atualmente estou me tornando muito conhecido na Alemanha. Eu não sei qual o porquê. Certamente, pelas razões erradas. Eu me benefico desta situação; eu sou capaz de informar vocês. Eu ainda não entendo completamente porque a mídia não me deixou entrar há 20 anos e me deixa entrar agora. Não é da minha conta, de qualquer maneira. Bem, agora a mídia me dá acesso. E eu me benefico disso *enquanto estiver sendo bom.*"

Além disso, apenas quando se trata de uma publicação os editores passam a agir como parceiros responsáveis ao invés de inimigos. O diálogo do censor "com aquele que está escrevendo pode ser altamente construtivo [...]. Em outras palavras: uma vez que a liberdade precisa de restrições para aquele que está escrevendo, este tipo de censura torna-se uma estratégia de liberdade".

Numa entrevista, em 1996, Edith Flusser disse que ela e Vilém raramente compravam livros para eles próprios. Ela descrevia a cena de seu marido esperando em frente às livrarias enquanto ela entrava para comprar livros para seus filhos: "Meu marido nunca entrava numa livraria. Dava-lhe náuseas. Ele dizia: tanto já foi escrito, o que mais eu deveria escrever? Por que eu estou realmente escrevendo se tanto já foi escrito?" *Habent sua fata libelli.*

